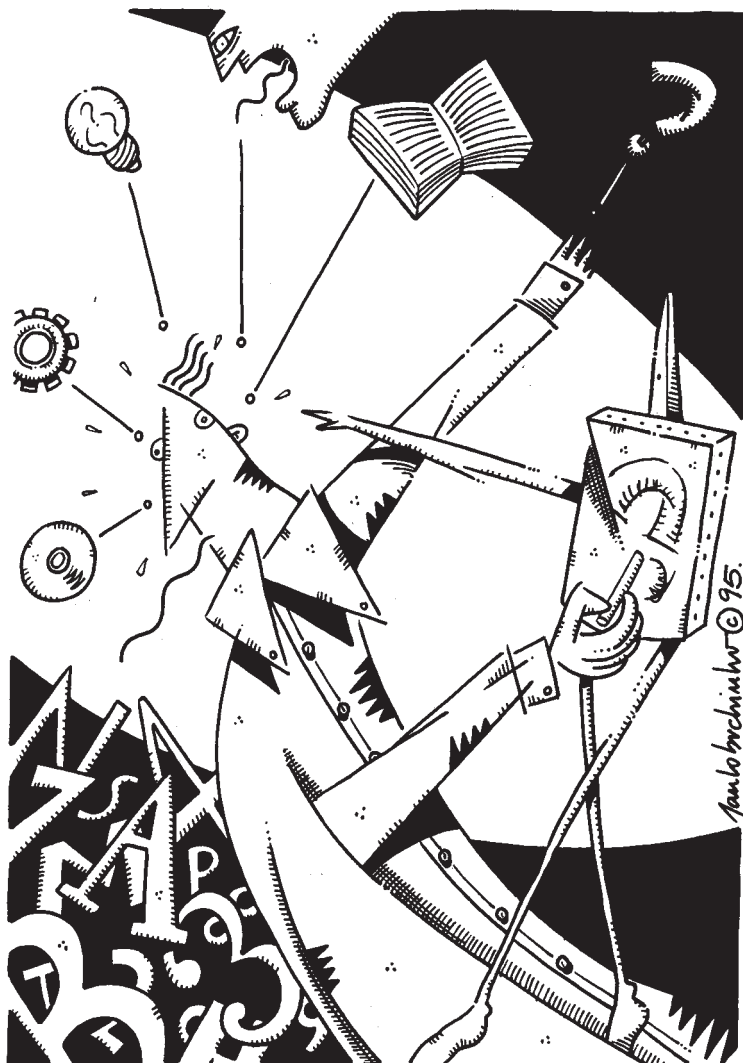


*Todos sabemos o que é a criatividade, e somos capazes de a reconhecer materializada no campo das artes, das ciências e mesmo das actividades do dia a dia – no âmbito profissional ou familiar. Mas a sua definição é complexa e, do ponto de vista académico, por vezes polémica: será que a criatividade é um dom inato ou, pelo contrário, poderá ser aprendida e desenvolvida?*



# FORMAR

# PARA A CRIATIVIDADE

## O QUE É A CRIATIVIDADE

As actuais correntes da Psicologia consideram a criatividade como um tipo particular de pensamento, que envolve originalidade e fluência, e que entra em ruptura com um determinado tipo de pensamento-padrão, introduzindo algo de novo.

## O pensamento lateral

Para Edward de Bono, um dos actuais estudiosos deste domínio, existe um tipo de **pensamento lateral** "que serve para fugir às ideias e percepções estabelecidas a fim de descobrir outras novas", de uma forma construtiva e criativa, rompendo com os padrões existentes.

Face a um determinado problema, as pessoas tendem a utilizar uma sequência-padrão (sequência lógica), que muitas vezes se manifesta insuficiente para a sua resolução – a sequência quebra-se, não permitindo a sua continuação.

Segundo este autor, é então necessário mobilizar um outro tipo de pensamento, que permita a justaposição de ideias que aparentemente não têm uma conexão lógica ou sequencial: o pensamento lateral, por oposição ao pensamento vertical. Só a partir da exploração das possibilidades laterais, em relação ao padrão sequencial vertical, será possível atingir a finalidade desejada – encontrar a solução para um problema, resolver uma dada situação, ou descobrir algo de novo.

## O pensamento divergente

Também Guilford se tem debruçado sobre este assunto, reconhecendo a existência do **pensamento divergente**, que consiste na capacidade de encontrar uma série de soluções possíveis para um determinado problema, particularmente quando este não tem uma única resposta certa. Este tipo de pensamento opõe-se ao pensamento convergente, que é utilizado quando apenas existe uma forma única de resolução de problemas – normalmente medido pelos testes de inteligência tradicionais.

De acordo com Guilford, o **acto criativo é composto por quatro fases:**

- **preparação**, em que se faz o reconhecimento da situação de partida;
- **incubação**, durante a qual se faz a análise do problema, muitas vezes a um nível inconsciente;
- **inspiração**, quando ocorrem abruptamente ao nível do consciente um conjunto de ideias, ou a possível solução do problema;
- **verificação**, quando a possível solução é testada ou materializada.

Este modelo, que formaliza o processo do acto criativo, pode ser utilizado para o desenvolvimento de estratégias que visem a actividade criativa – baseado nos conceitos de pensamento lateral ou divergente, como foram apresentados anteriormente.

Também De Bono defende que é possível desenvolver este tipo de pensamento, exercitando-o através de actividades construídas com essa finalidade, podendo ser utilizadas em diferentes contextos, como o profissional, o educativo e o familiar.

A partir desta concepção, a criatividade não é um dom inato mas um potencial que pode ser maximizado, favorecendo-se para tal um contexto adequado.

## CRIATIVIDADE: CONDIÇÕES PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

Para Carl Rogers, o processo criador "é uma emergência na acção do novo produto relacional, que provém da natureza única do indivíduo, por um lado, e dos materiais, acontecimentos, pessoas ou circunstâncias da vida, por outro".

Para este autor, existem condições – quer internas, quer externas ao indivíduo – que possibilitam o desenvolvimento da sua criatividade construtiva.

### Condições internas

Do ponto de vista interior, identificamos a atitude de **abertura à experiência** que consiste numa atitude de flexibilidade, de permeabilidade às percepções, a novos conceitos, a opiniões, em suma, a toda a vida existencial do sujeito. Esta atitude é baseada na ausência de rigidez e de preconceitos, na capacidade de recepção de variado tipo de informação e na tolerância face à ambiguidade.

Outro aspecto importante é a existência de um **centro interior de apreciação**, ou seja, é a partir do próprio juízo de valor do indivíduo que este avalia o resultado do seu processo criativo.

É um terceiro aspecto importante é a **capacidade para lidar com elementos e conceitos**, que se baseia na destreza que o indivíduo tem em trabalhar com ideias, conceitos, cores, formas, etc., combinando-as e relacionando-as entre si, dando origem a novas construções pessoais, originais e criativas.

Para Rogers, estas são as três condições interiores necessárias ao indivíduo para a actividade criativa.

### Condições externas

Relativamente ao contexto externo ao indivíduo, também é possível identificar algumas condições que facilitam a emergência e o desenvolvimento da criatividade.

De acordo com Carl Rogers, uma das condições de base consiste na **segurança psicológica**, que resulta de três processos associados: a aceitação do indivíduo como um valor incondicional, ou seja, a aceitação plena pelos outros das suas potencialidades; a existência de um clima em que a apreciação ou juízo exterior esteja au-



sente; e a compreensão através da empatia, que é a aceitação do indivíduo a partir do seu próprio mundo particular, dos seus sentimentos e actos.

Assim sendo, para que a criatividade possa emergir de uma forma plena, será necessária a criação de um clima de segurança psicológica, favorecendo a expressão das formas individuais e originais de relação com o mundo.

Outra condição apontada é a existência da **liberdade psicológica**, que consiste numa inteira liberdade da expressão simbólica, oferecendo ao indivíduo um largo horizonte como referencial, favorecendo uma maior abertura a todas as percepções. É o reconhecimento da permissão de ser livre e, conseqüentemente, responsável: livre para decidir e agir, e para aceitar as conseqüências das suas opções, sejam elas positivas ou negativas.

Ao sermos confrontados com o nosso papel de formadores – quer na vida pessoal, como pais, quer na nossa vida profissional, no campo da educação/formação, ou ainda como gestores – é fundamental sabermos questionar as nossas próprias ideias e práticas.

Em que medida é que estamos suficientemente sensibilizados para favorecer o desenvolvimento da criatividade dos nossos filhos, dos nossos alunos ou dos nossos colaboradores? Será que a nossa atitude é a mais adequada para esta finalidade? Que tipo de instrumentos lhes fornecemos para se confrontarem com a complexidade da existência e com os desafios do futuro?

## A EDUCAÇÃO PARA A CRIATIVIDADE

Uma das principais críticas feitas à educação tradicional consiste na forma como esta privilegia a formação dos indivíduos de uma maneira conformista e estereotipada. Assume uma função de reprodução das normas e valores da realidade social, dando pouco "espaço de manobra" aos destinatários da sua acção – sejam crianças, jovens ou mesmo adultos.

O pensamento tradicional valoriza a vertente da crítica, da análise, da lógica, sendo este um pensamento marcado fortemente pela racionalidade.

Reconhecendo, no entanto, a importância destes aspectos, considera-se hoje em dia que este modelo não é por si só suficiente, e que o pensamento criativo tem sido insufi-

cientemente valorizado pela educação/formação tradicional ao longo do tempo.

De acordo com Edward de Bono, a escola não tem sido um local para ensinar a pensar, "...muitas escolas nem sequer ensinam a pensar. Algumas ensinam as limitadas capacidades de pensar envolvidas na informação, classificação e análise".

Mas, recentemente, tem-se assistido a uma evolução neste domínio, na medida em que a investigação e a experiência têm contribuído, de alguma forma, para o reconhecimento de que **é de facto possível ensinar a pensar**, desenvolvendo um alargado leque de capacidades.

Para De Bono, ao mesmo nível de pensamento crítico, do tipo **reactivo** – em que reagimos ao que nos é apresentado –, é necessário desenvolver um tipo de pensamento construtivo e criativo, do tipo **proactivo** – que permite novas realizações, dando origem a acontecimentos inovadores.



## Favorecer o desenvolvimento da criatividade

Como já referimos, o nosso papel de formadores não se reduz apenas aos espaços/tempos da formação institucionalizada – inicial ou contínua, escolar ou profissional –, na medida em que desempenhamos, implícita ou explicitamente, uma função formadora nas relações que estabelecemos com os outros: na família, na educação/formação, na organização, na comunidade, etc.

Nesta perspectiva, podemos sempre favorecer o desenvolvimento da criatividade daqueles com quem partilhamos a nossa existência, assumindo uma atitude libertadora de energias e potencialidades, gerindo os processos por forma a beneficiar cada indivíduo, particularmente, e todo o sistema na sua globalidade.

Assim, baseando-nos no trabalho de Malcom Knowles, apresentamos um **conjunto de aspectos que podemos adoptar no sentido de favorecer o desenvolvimento da criatividade dos outros**.

## COMO FAVORECER A CRIATIVIDADE DOS SEUS COLABORADORES

- Ter confiança neles, proporcionando-lhes situações em que possam ultrapassar os desafios, delegando-lhes responsabilidade. As pessoas tornam-se mais criativas e produtivas quando tomam consciência do controlo das situações, e o seu sucesso será maior quando sentem que o seu potencial está a ser bem utilizado.
- Implicá-los activamente na tomada de decisão, partindo das suas contribuições em todas as etapas dos processos de planificação (identificação de necessidades, formulação de objectivos, elaboração de planos de acção, operacionalização, avaliação dos resultados, etc.).
- Ter expectativas positivas face ao poder de auto-realização das pessoas. Existe uma forte relação entre as expectativas que temos dos outros e as suas *performances*.
- Valorizar os aspectos individuais das pessoas – como os gostos, interesses, talentos, finalidades, referências, etc. É a partir dos seus próprios objectivos que desenvolvem as mais diversas actividades, realizando assim a totalidade do seu potencial.
- Encorajar e recompensar a criatividade, fomentando o espírito de abertura e criando condições que estimulem a capacidade de inovação. Não inibir aqueles que ousam fazer novas experiências.
- Escolher as estratégias mais eficazes para instaurar um processo de mudança permanente e gerir adequadamente essa mudança.
- Potenciar as suas motivações intrínsecas, através da optimização de factores de satisfação, tais como o sucesso, a satisfação pelo trabalho, o reconhecimento, a responsabilidade, etc.
- Encorajar as pessoas para a sua autogestão, libertando-as progressivamente de um estado de dependência para um estado de autonomia.

## CONCLUSÃO

A expressão e o desenvolvimento da criatividade não dependem apenas das potencialidades da pessoa. Dependem fortemente da forma como os outros com ela interagem, das suas expectativas, das possibilidades que lhe oferecem de revelar essas mesmas potencialidades e da sua apreciação e reconhecimento.

Ao fomentar a sua autonomia e liberdade, ao reforçar a sua auto-estima, está-se a contribuir para o seu desenvolvimento global e integrado, em que a criatividade desempenha um papel fundamental.

Tendo em conta que, para fazer emergir a criatividade, é necessária a existência de um conjunto de condições, quer interiores quer exteriores ao indivíduo, torna-se possível, a partir desta tomada de consciência, criar contextos favoráveis à sua emergência e desenvolvimento.

A criação destes contextos e a observância dos princípios referenciados cabe-nos a nós, formadores das gerações actuais e futuras. Tarefa que não é porventura fácil, mas cujos resultados serão decerto muito gratificantes.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DE BONO, Edward, (1971) – *The mechanism of mind*, G.B., Pelican Books.
- DE BONO, Edward, (1979) – *The use of lateral thinking – Break the stranglehold of logical thinking*, G.B., Pelican Books.
- DE BONO, Edward, (1979) – *The five-day course in thinking – Introducing the L game*, G.B., Pelican Books.
- DE BONO, Edward, (1995) – *Ensine os seus filhos a pensar*, Lisboa, Difusão Cultural.
- FONTANA, David, (1988) – *Psychology for Teachers*, Londres, BPS Books, MacMillan Pub.
- FUSTIER, Michel, (1991) – *Pratique de la créativité*, Paris, Col. Formation Permanente en Sciences Humaines, ESF Éditeur.
- KNOWLES, Malcom, (1990) – *L'Apprenant Adulte – vers une nouvelle art de la formation*, Paris, Les Éditions d'Organisation.
- ROGERS, Carl, (1983) – *Tornar-se Pessoa*, Lisboa, Col. Psicologia e Pedagogia, Moraes Editores.

\* Psicóloga; Formadora; Técnica Superior do IEFP.